



13º Fórum Abag

Conjuntura econômica e o agronegócio

A Associação Brasileira de Agribusiness realizou no dia 15 do corrente mês o seu 13º Fórum, para tratar da Conjuntura Econômica e o Agronegócio. O tema, muito pertinente diante da crise que ronda de dimensão global, foi comentado pelo Presidente do Banco de Desenvolvimento Econômico e Social, Luciano Coutinho. As principais informações apresentadas e analisadas foram registradas pela Agroanalysis.

Abertura

Carlo Lovatelli

A ABAG realiza neste ano o seu último e 13º Fórum. O número não ajuda muito, principalmente diante da situação que temos experimentado nos últimos meses. O tema a ser analisado e discutido aqui será A Conjuntura Econômica e o Agronegócio.

Inicialmente, manifestamos nossos sinceros agradecimentos ao professor Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e

Social (BNDES). É uma gentileza muito especial da sua parte, neste momento sensível e bem demandado, abrir uma janela em sua requisitada agenda. Reconhecemos com muita simpatia a concessão, para a Abag uma demonstração de respeito e consideração.

Tenho vivo na memória o recente aniversário dos 79 anos da quebra da Bolsa de Nova York, em 24 de outubro de 1929. A data foi relembrada no mercado financeiro, não apenas como um fato histórico diante do pânico que se abatia sobre os negócios. Ninguém fazia a menor idéia para onde tudo estava indo ou de como iria terminar. Todas as luzes estavam literalmente no vermelho.

O pânico contagiou o mercado de ações do mundo inteiro. As coisas pareciam completamente fora de controle. Não havia nada para os governos poderem dizer ou fazer. Seria a repetição de 1929, quando as pessoas pensavam ter superado o pior, porém novas quedas estavam prestes a acontecer. Ninguém sabia o quão fundo os preços das ações ainda iriam. Uma economia mundial em águas turbulentas e *bem longe do palpável*.

Em novembro, felizmente, os indícios apontavam que a maior crise financeira da era da globalização começava a perder o ímpeto, depois das medidas adotadas pelos governos mundo afora. Mas, sem muitos arroubos, apenas do ponto

de vista bancário. A partir daí, seus efeitos seriam sentidos sobre a economia real, uma fase mais extensa, incerta e sem data para terminar.

Era o sinal de que saíamos do pânico e entrávamos na crise maior de confiança e de liquidez dos mercados. Se as empresas param de investir e os bancos restringem o crédito, com medo de não receber seu dinheiro de volta, como fica o sistema? O governo precisa compensar esse vazio com maiores aplicações, pelo menos durante certo período, para girar a economia.

No momento em que a crise impacta nas principais fontes de capital, o papel do BNDES é vital. Em 2007, seus desembolsos somaram R\$ 70 bilhões e corresponderam a 26% dos empréstimos das empresas.

No agronegócio, existem empresas exportadoras nacionais robustas e de qualidade, que podem encontrar formas de solução no próprio sistema bancário. Porém, o suporte do BNDES ajuda a minimizar a dificuldade de liquidez e viabilizar as companhias. O mesmo se sucede na área de biocombustíveis, carnes, grãos, fibras e de máquinas, equipamentos e insumos agrícolas.

Acompanhamos as conversações do BNDES com instituições, como Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e organizações de crédito na Alemanha e Japão, dentre outras. Além de felicitarmos e apoiarmos as iniciativas, torcemos para que o professor Luciano Coutinho nos traga informações de bons aportes de captações externas no próximo ano.

Compartilhamos da visão do BNDES de criar um fundo global de desenvolvimento, responsável pelo investimento em projetos de infra-estrutura e pelo apoio as empresas nos países em desenvolvimento durante as crises. Um Plano Marshall para as economias em desenvolvimento, com recursos de US\$ 500 bilhões dotados pelos países com grandes volumes de reservas. Essa estratégia deverá ser apresentada pelo Brasil no âmbito do G20.

Outro tema importante para o agronegócio diz respeito ao Fundo Amazônia,

destinado aos projetos ambientais na floresta amazônica e outros biomas, que será administrado pelo BNDES e captará recursos privados a partir de doações que poderão vir do Brasil ou do exterior. A falta de informação penaliza a imagem e prejudica as atividades nas cadeias produtivas nacionais de alimentos, fibras e bioenergia.

Apesar da dureza e da preocupação que o tema trás para a sociedade brasileira e mundial, estamos felizes e satisfeitos com a presença do professor Luciano Coutinho, a quem passamos a palavra. Temos certeza de que receberemos informações da mais alta qualidade.

Luciano Coutinho

Resumo da apresentação

QUERIA AGRADECER a oportunidade de participar deste fórum. Tive notícia das atividades da Abag. É grata essa oportunidade de interagir com várias pessoas aqui reencontradas. Gostaria de ouvir os diversos segmentos do setor para ajudá-los nos anos que virão pela frente.

O posicionamento dos países emergentes é especial neste momento por- que:

- Seus mercados internos serão menos afetados pela crise internacional do que os dos países desenvolvidos;
- Poderão contribuir para uma menor desaceleração da economia mundial;
- Tendem a aumentar suas participações na economia mundial nos próximos anos.

De acordo com os dados do FMI, na média, neste ano, as economias em desenvolvimento crescerão 6,2%, enquanto aquelas das desenvolvidas ficarão em 1%. Nos últimos três anos, a taxa média das economias em desenvolvimento ficou acima das das economias desenvolvidas.

Esse diferencial é importante. As economias em desenvolvimento são demandantes, em processo de urbanização, com grande população e capacidade agrícola

limitada, como é o caso da China e da Índia. Já a Rússia e várias outras economias dependem de alimentos. Tudo isso representa oportunidade para o agronegócio brasileiro.

Portanto, não é indiferente para o Brasil se as economias em desenvolvimento cresçam ou não nos próximos anos. De 1998 a 2008, as participações dos países emergentes e em desenvolvimento no PIB mundial passaram de 36% para 45%.

Entre os países emergentes, o Brasil está em posição de destaque pelo:

- *Investment Grade*, com custo de capital mais baixo;
- Elevado nível de reservas (US\$ 200 bilhões);
- Capacidade anticíclica das políticas monetária e fiscal;
- Crescimento da demanda doméstica:
 - Bancos sólidos;
 - Setor privado pouco endividado
 - Aumento do emprego, crescimento da massa real de salários e redução das desigualdades.
- Expansão dos investimentos, com projetos de alto retorno e baixo risco.

Segundo o IBGE, os indicadores de desempenho da economia brasileira são satisfatórios:

- Entre o terceiro trimestre de 2004 e 2008, as taxas de crescimento do PIB ocorreram por 27 trimestres seguidos, o período mais longo em 20 anos, enquanto o desemprego caiu de 10,5% para 7,5%. Nesse período, a massa salarial real, na média dos últimos 12 meses, em bilhões, passou de R\$ 21,04 para R\$ 27,24;
- De outubro de 2007 a outubro de 2008, a criação líquida de empregos formais, em milhares de pessoas, passou de 1.617 para 1.953, ou seja, uma expansão de 27,9%, de acordo com TEM-CAGED;
- A revista *Conjuntura Econômica*, de agosto de 2008, mostra que pelo quinto ano consecutivo, a rentabilidade das 500 maiores sociedades anônimas brasileiras ficou acima dos 10%, algo que não ocorria desde o início dos anos de 1980;



Nos próximos anos, apesar da economia mundial desacelerar, não há nenhuma razão para que o Brasil tenha um crescimento inferior. Durante a década de 30, a economia mundial acumulou um crescimento de 10%, enquanto a do Brasil foi de 50%. O presidente Getúlio Vargas enfrentou a situação, com uma economia extremamente precária.

O grande esforço do governo será evitar que a taxa de desemprego suba. A pressão por crédito é grande, com a secagem da fonte externa. O BNDES é importante para acelerar os investimentos. O orçamento que a instituição pretende executar em 2009 é de R\$ 120 bilhões. É um enorme desafio.

O PIB do agronegócio voltou a crescer depois da crise da safra 2004/05. Nos últimos quatro trimestres, o setor lidera o crescimento da economia. Possui três grandes

- Os investimentos na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e do PIB são positivos desde 2004;
- Entre 2003 a 2010, a previsão é de um crescimento na taxa de investimento de 15,3% para 20,9%;
- De janeiro a outubro deste ano, o déficit nominal foi praticamente zerado;
- A dívida líquida apresenta uma trajetória declinante. De outubro de 2003 a outubro de 2008, a dívida líquida do setor público em relação ao PIB, caiu na relação total de 47,87% para 36,63% e de 10,71% para -12,28% na externa;
- Os desembolsos e as aprovações do BNDES também são crescentes.

Se nas últimas décadas, qualquer crise externa provocava recessão e precisava ser respondida com forte aumento de taxa de juros aqui no Brasil, agora a situação é bem diferente.

Do ponto de vista doméstico, o sistema financeiro está bastante sólido, com um setor privado não financeiro pouco endividado. Assistimos um aumento do mercado externo, com crescimento do emprego e das massas de salários.

importâncias, pois:

1º É o mais importante gerador de divisa para o País;

2º Cria emprego e renda, à medida que expande a fronteira agrícola e amplia oportunidades de ocupação econômica para a população;

3º É um dos grandes fiadores da estabilidade de preço, a manutenção do custo de vida urbano e o controle das expectativas de inflação.

Por isso a grande preocupação, ninguém pode desprezar ter como prioridade relevante o agronegócio. No Brasil, representa 25% do PIB externo, ele tem um importância. A relação crédito/PIB da agricultura brasileira é uma das mais baixas do mundo.

Para o BNDES, o agronegócio merece prioridade na Política Desenvolvimento Produtivo (PDP), quanto às cadeias para:

- Consolidar de forma irreversível a liderança mundial (bioetanol, carnes e celulose e papel), com foco em:
 - Atividades econômicas onde o Brasil tem reconhecida competitividade;
 - Investimentos estratégicos em grande volume do setor público;

- Projetos de expansão física e internacionalização empresarial;
- Liderança tecnológica.

- Fortalecer a competitividade: (madeiras e móveis, couros calçados e artefatos, agroindústrias e biodiesel), com foco:

- Em sistemas, cadeias ou complexos produtivos: a) geradores de efeitos de encadeamento sobre o conjunto da estrutura industrial com potencial exportador; b) afetados por importações mas com potencial competitivo;
- Metas industriais, de exportação e de P,D&I compartilhadas com o setor privado.

O BNDES tem a missão importante de ajudar o agronegócio brasileiro, especialmente na ponta processadora industrial. Estar preparado para apoiar e consolidar a formação de grandes empresas competitivas. Precisamos, efetivamente, olhar o setor, como uma grande solução para a sustentação do crescimento no Brasil.

O investimento em infra-estrutura, a construção civil e o agronegócio, são três pilares fundamentais para que o País possa atravessar a crise de maneira razoável, de maneira sensata e positiva.

Perguntas:

1º Podemos pensar em choque de investimentos na infra-estrutura de escoamento a curto prazo safra?

2º Como fica a incapacidade de governo de executar os recursos autorizados dos orçamentos da União desde 2004? Em 31 de novembro de 2008, dos cerca de R\$ 16.4 bilhões de reais autorizados, haviam sido executados cerca de 30%.

3º Há disponibilidade de capital de giro para atender alguns setores simplesmente sufocados pela falta de crédito.

A situação logística brasileira é muito ruim. Entretanto, olharia o futuro com um pouco mais de otimismo, em função de alguns avanços recentes. O BNDES fez enorme esforço para capacitar grandes empresas ferroviárias a operar e a investir. Temos interesse na expansão da malha ferroviária, especialmente no ramal para o Centro-Oeste, na linha Norte-Sul e na Transnordestina. Os projetos estão ficando

do prontos. Foi feito um mutirão com os governos estaduais para as desapropriações, com definição dos traçados.

Nos portos, a questão ficou travada muito tempo, mas finalmente chegou-se a um modelo que funciona. O BNDES financia o pouco que se fez. Sobre as rodovias, não adiante chorar o passado, quando havia o Geipot (Grupo de Estudos de Integração da Política de Transportes), de alta qualidade em planejamento. É realmente desafiador montar um processo mais forte. O BNDES ajuda o governo por meio dos regimes de concessão, pelo menos nas principais vias-tronco, com é o caso da BR 116.

No etanol, é fundamental o investimento nos dutos. Estamos à disposição para os investimentos da Petrobras e a discussão do setor privado. Se apresentarem um projeto compartilhado, teremos interesse de financiar.

Alguns setores importantes estão passando por grandes dificuldades. Para a área de adubos, disponibilizaremos uma linha de R\$ 6 bilhões para capital de giro das empresas, com um limite por CNPJ de R\$ 50 milhões. A operação tem cinco meses de carência e oito para pagar, com taxa de juros de 9% a 20%, conforme o porte da empresa.

O presidente Lula tem feito reuniões freqüentes com os presidentes dos três bancos federais (BNDES, BB e Caixa Econômica), para forçá-los a se moverem de maneira mais gradativa. Estimular uma operação maior entre os bancos federais. O Banco do Brasil passou do quinto para o segundo lugar como repassador de recursos do BNDES. Em relação à Caixa Econômica, trabalhamos para afastar o risco de quebra de empresas no setor de construção.

Na questão da tributação, o seu impacto aumenta com o tamanho da cadeia.

Quando há exportação sobra no final um crédito não resolvido. É um dos problemas mais graves. A matéria é complexa e está fora da minha área. O agronegócio, presente no Brasil inteiro, talvez pudesse ajudar a criar um sistema mais eficaz.

A respeito da dependência da exportação e da queda dos preços nas *commodi-*

ties, existem casos extremos. A Rússia, por exemplo, enfrenta dramático problema cambial. Seu mercado fechou. Precisamos ter um mecanismo para sustentar e refinarçar os embarques.

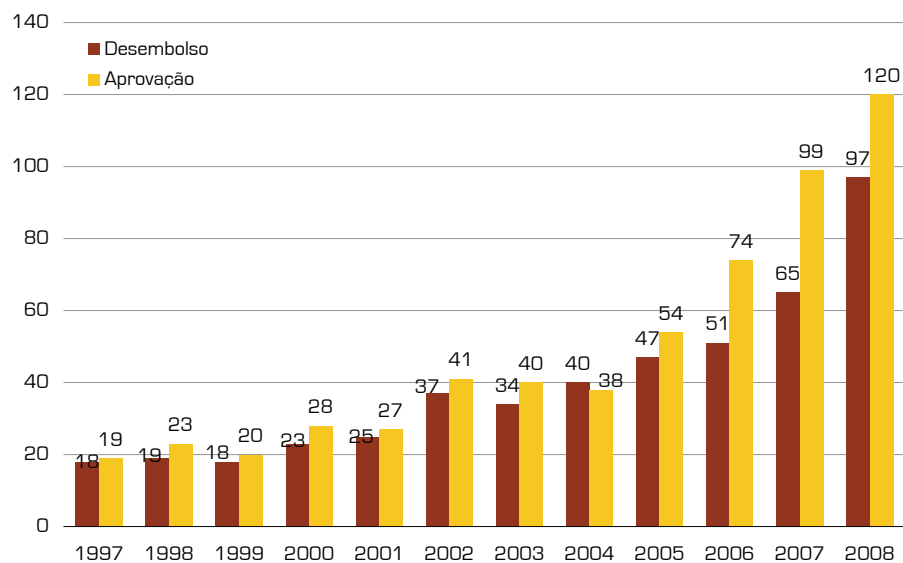
Para terminar, coloco em pauta, duas questões fundamentais para o agronegócio:

1º Como funcionar com preços menos favoráveis nos próximos anos? Sem avan-

ços fortes em logística, redução de outros custos e um sistema capaz de refinarçar as exportações, daremos um tiro no pé. Defendo fortemente uma política para o setor agrícola. Um dos melhores incentivos de exportação é manter a taxa de câmbio estável, m torno de R\$ 2,30.

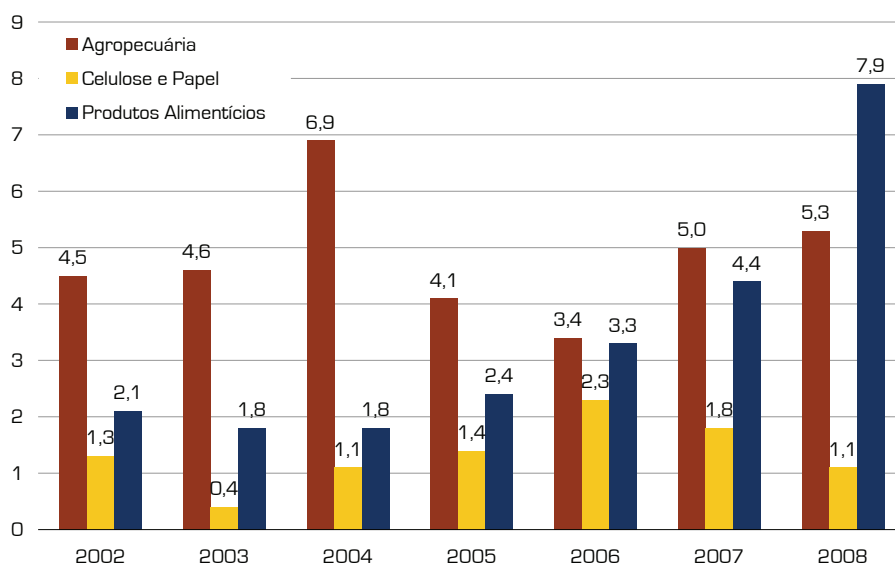
2º O aperfeiçoamento tributário e o investimento em logística. ■

BNDES: desembolsos e aprovações (R\$ bilhões)



Fonte: BNDES, até outubro/2008

BNDES: desembolsos no agronegócio (R\$ bilhões)



Fonte: BNDES, até outubro/2008